



Lua Nova

ISSN: 0102-6445

luanova@cedec.org.br

Centro de Estudos de Cultura Contemporânea  
Brasil

Almeida Medeiros, Marcelo de  
Democracia e regionalismo chez Jean-Louis Quermonne  
Lua Nova, núm. 73, 2008, pp. 11-14  
Centro de Estudos de Cultura Contemporânea  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67311189001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## DEMOCRACIA E REGIONALISMO *CHEZ* JEAN-LOUIS QUERMONNE

Marcelo de Almeida Medeiros

*“Tout regime naît, vit et meurt. Et son degre de longévité, qui peut varier de quelques mois à quelques siècles, dépend de l’enracinement de ses institutions dans la société civile: seul le processus historique en commande la durée”*  
(QUERMONNE, 1986, p. 29).

A questão da organização do poder constitui-se, desde há muito, um dos pontos cardiais da reflexão dos politólogos. As formas que essa organização assume têm sido refletidas nas mais diversas tipologias, indo de Aristóteles, passando por Maquiavel e os contratualistas, e desembocando, mais recentemente, em Dahl e Bobbio. Nesse contexto, o debate em torno da idéia de democracia como melhor opção legítima de organização do poder político revela-se uma constante. Contudo, esse debate evolui, claro está, em função das transformações sociais e econômicas próprias a cada período que, por meio de suas idiossincrasias conjunturais, estabelecem demandas específicas e forjam, de maneira *ad hoc*, novas formas de cognição. Uma das tendências políticas mais relevantes dos últimos tempos, produto exatamente dessas demandas específicas, é o regionalismo, galvanizado em sua forma inventiva mais explícita na experiência da hoje denominada União Européia (UE). Essa nova unidade de sobrevivência (Elias, 1987) tem demonstrado, no decorrer de sua construção, elevada capacidade responsiva aos desafios impostos pelas lógicas: competitiva de mercado, por um lado, e de controle sociodemocrático, por outro.

Se os séculos XVIII e XIX distinguem-se por uma marcada presença francesa no campo das idéias políticas, como também por uma influência do francês como língua franca, o mesmo não pode ser percebido ao se caracterizar o século XX, nem os primórdios do século XXI. Nota-se, sim, nestes dois últimos períodos, uma forte predominância da literatura anglo-saxã que, no mais das vezes, faz uso da língua inglesa como vetor propulsor de idéias que, em outros idiomas, estariam fadadas a uma circunscrição bem limitada, por demais distinta da capilaridade alcançada pela internet e suas conexões com periódicos científicos e editoras especializados. Isso tem restringido sobremaneira a difusão do conhecimento gerado genuinamente em línguas outras que o inglês, tornando-o refém de eventuais traduções.

12

A Ciência Política, no Brasil, tem-se valido, seguindo a tendência mundial, de uma vasta gama de referências bibliográficas oriundas do mundo anglo-saxão e expressas em língua inglesa – sendo significativo, nessa amostra, o peso das referências norte-americanas. Isso se cristaliza, do ponto de vista institucional, através do reconhecimento estabelecido através do sistema Qualis/Capes de classificação de periódicos, onde os qualificados como os de maior nível (Internacional A) são em sua maioria veículos de língua inglesa. Ora, pode-se então inferir que, em princípio, os cientistas brasileiros, em geral, e os cientistas políticos, em particular, tendem a se informar prioritariamente por meio de fontes anglófonas, deixando em segundo plano produções francófonas ou hispanófonas, apenas para citar algumas.

Com o intuito de contribuir para o alargamento do espectro de autores não-anglófonos na literatura de Ciência Política do Brasil, o presente texto pretende revisitar a questão da democracia e do regionalismo em um dos principais politólogos franceses da contemporaneidade: Jean-Louis Quermonne.

### Jean-Louis Quermonne e a Ciência Política francesa

A Ciência Política francesa encontra suas raízes na École Libre de Sciences Politiques, fundada por Émile Boutmy em 1872<sup>1</sup>. Antes, assim, da tradicional School of Political Science da Columbia University, fundada por John W. Burgees, em 1880. Como assinala Maurice Duverger (1959, p. 46):

“L’École se rattache à un fort mouvement d’idées tendant à considérer que la guerre de 1870 a été perdue à cause de l’incapacité technique des cadres politiques et administratifs”.

A Ciência Política brota, pois, na França com uma preocupação maior com os temas relativos à questão da administração eficiente da coisa pública e, naturalmente, vê-se umbilicalmente vinculada aos problemas inerentes às instituições e às políticas por elas gestadas e engendradas. Nesse contexto, grande parte dos primeiros politólogos franceses é oriunda do Direito Público, do Direito Constitucional ou, ainda, do Direito Administrativo. Tal é o caso de Jean-Louis Quermonne.

13

Nascido na Normandia em 1927, licenciado em Letras e em Direito e diplomado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris<sup>2</sup>, Jean-Louis Quermonne obtém a *Agrégation en Droit Public* em 1952<sup>3</sup>. Após quatro anos de contato com o Maghreb, onde ensinou em Alger, Túnis e Rabat, e onde

---

<sup>1</sup> Seguimos aqui a definição de Ciência Política proposta por Pierre Favre: “il y a ‘science politique’ stricto sensu lorsqu’il y a à la fois des recherches se conformant, ou tendant à se conformer, aux normes actuelles de la scientificité, et une communauté savante dont l’activité s’inscrit dans un ensemble institutionnel” (1985, p. 28).

<sup>2</sup> Hoje mais conhecido pelo *label* ScPo Paris.

<sup>3</sup> A *Agrégation* universitária é um concurso nacional que habilita o candidato aprovado a desfrutar do mais alto grau hierárquico na carreira docente. Seria, *grosso modo*, o equivalente ao concurso de Professor Titular no sistema acadêmico brasileiro, diferenciando-se deste por ser uma seleção de âmbito nacional e não restrita a uma universidade.

pôde travar contato direto com os problemas advindos da colonização, Quermonne é nomeado para a direção do Instituto de Estudos Políticos de Grenoble. Ele efetiva a autonomia dessa instituição e amplia sua dimensão associando-a à criação de laboratório de pesquisa na área de políticas públicas ligadas à questão da regionalização do território e à prática democrática, o Cerat<sup>4</sup>, financiado pelo Conseil National de la Recherche Scientifique (CNRS). Em seguida assume a presidência da Universidade de Ciências Sociais Pierre Mendès France – Grenoble II<sup>5</sup>. Como assinalam François d’Arcy e Luc Rouban (1996, p. 14):

“Sur les thèmes qui allaient nourrir la réforme universitaire de 1968 (participation, autonomie, pluridisciplinarité), il [Quermonne] avait déjà accumulé un capital de réflexions et d’expériences”.

14

E é com esse capital que a temática da democracia e do regionalismo é incentivada nas diversas UFR<sup>6</sup> compondo o conjunto universitário, indo da economia, passando pela sociologia, história, geografia, desembocando na política.

Todavia, é no Instituto de Estudos Políticos de Paris e, posteriormente, no Instituto de Estudos Políticos de Grenoble, para o qual retorna em 1989, que Jean-Louis Quermonne desenvolve, respectivamente, suas pesquisas nos campos da democracia e do regionalismo. Ambos intensamente ligados à análise institucional e aos estudos comparados que, nas interpretações de Quermonne, assumem um papel preponderante na compreensão dos

---

<sup>4</sup> Cerat – Centre de Recherches sur l’Aménagement du Territoire. Hoje conhecido como Pacte – Politiques Publiques, Action Politique, Territoires.

<sup>5</sup> O presidente de Universidade na França é cargo equivalente ao de reitor de Universidade no Brasil.

<sup>6</sup> No organograma da estrutura da universidade francesa a UFR corresponde ao departamento dentro da estrutura da universidade brasileira.